

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

CARTOGRAFIA DO INDOMESTICADO: UM OLHAR PARA AS IMAGENS FERAIAS DO ANTROPOCENO

Simone Portela Brugnera
Universidade do Estado de Santa Catarina
simoneportelabrugnera@gmail.com

Ana Maria Hoepers Preve
Universidade do Estado de Santa Catarina
anamariapreve@gmail.com

Resumo

Como aprender no Antropoceno sem ignorar as complexidades desse tempo? Essa pergunta, que norteou meu Trabalho de Conclusão de Curso, nunca teve a pretensão de ser respondida, mas sim de ser aberta. Ser antes um “ponto de partida” do que uma “constatação de impotência” (STANGERS, 2015, p. 27). Naquela ocasião, minha busca me levou ao *Feral Atlas: The More-Than-Human Anthropocene*, onde encontrei, nos estudos multiespécies, uma possibilidade de respiro perante minhas inquietações. Mas se antes minha atenção se voltava aos conceitos e ao funcionamento da plataforma, agora me interessa sobretudo a potência de suas imagens. Imagens ferais que produzem cartografias indomesticadas. Este resumo é parte desse movimento, agora revisitado e potencializado pelo encontro com o Grupo de Pesquisa Atlas: Geografia, Imagens e Educação o qual integro como bolsista do Programa de Pós Graduação em Educação da UDESC.

Palavras Chave: antropoceno; estudos multiespécies; imagens ferais; cartografias do indomesticado.

MERGULHO I

O Antropoceno, ou os muitos nomes que ajudam complexificar este tempo, como Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno (HARAWAY, 2016), constitui, para além de uma definição cronoestratigráfica, um campo de disputas narrativas, epistemológicas e sensoriais. São essas disputas que deslocam o olhar de uma história humana centralizada para histórias múltiplas, atravessadas por forças humanas e mais-que-humanas. Nesse horizonte, os Estudos Multiespécies propõem modos de conhecimento atentos a tais emaranhamentos. Como lembram Dooren, Kirksey e Münster (2016, p. 41), “todos os seres vivos emergem e fazem suas vidas dentro de comunidades multiespécies”.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

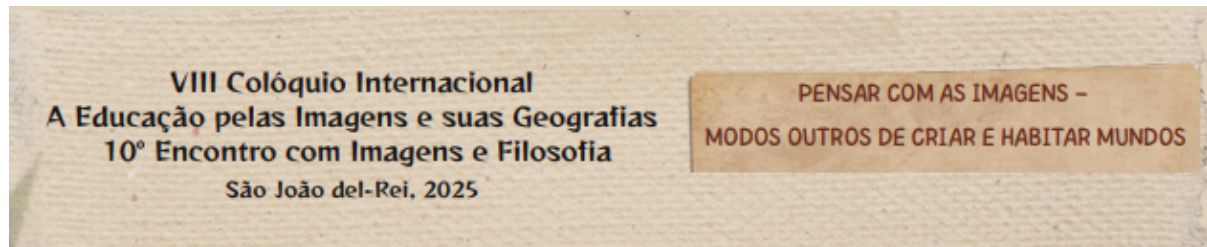
Foi no compartilhar desse entendimento que surgiu meu interesse pelo *Feral Atlas: The More-Than-Human Anthropocene*. Lançado em 2021 por uma rede multidisciplinar vinculada à Universidade de Stanford, o site mapeia transformações ecológicas em diferentes regiões do planeta. Ao destacar tanto os efeitos das infraestruturas humanas quanto as respostas imprevistas dos ecossistemas, introduz a noção de *ecologias ferais*: fenômenos que surgem das interações entre humanos e não humanos, mas escapam ao controle humano. Algo próximo ao que Stengers (2015, p. 14) descreve como “uma natureza capaz de incomodar, de uma vez por todas, nossos saberes e nossas vidas”. Esse incômodo se traduz também na própria lógica de funcionamento do *Atlas*: uma navegação indomesticada, feita de múltiplas entradas e saídas – entre textos, imagens, vídeos e áudios – que compõem uma cartografia que recusa reduzir ou domesticar o real.

Foi essa força que me guiou na produção do meu TCC¹, e que hoje compreendo, era, um dispositivo no sentido foucaultiano: “redes ou relações que se estabelecem entre discursos, instituições, espaços, técnicas, regras, o dito e o não dito de uma época específica, produzindo mundos, sujeitos e objetos” (LINS, 2008 apud GUIMARÃES, 2010, p. 16). Retomo esse trabalho agora em novo contexto: minha entrada no mestrado e a aproximação com o grupo de pesquisa *Atlas: Geografia, Imagem e Educação*². É nesse movimento que esta escrita se inscreve: deixando-se conduzir pelas imagens do *Atlas* como práticas de pensamento, capazes de traçar cartografias do indomesticado e de abrir percursos para pensar a educação em tempos de crise planetária.

Mas antes de qualquer tentativa de escrita, foi preciso mergulhar. Esse gesto já havia acontecido no TCC e agora se repete: não apenas pela insistência em ver de outro modo, mas porque cada entrada no *Atlas* é sempre outra (literalmente). E, como aqui não se trata de domar, explicar ou resumir a experiência, mas de aprender com ela, este texto só pode prosseguir com uma pausa: é preciso que você também mergulhe. O próximo capítulo, portanto, não é análise, mas convite. Acesse o *Atlas* clicando no título do próximo capítulo. Perca-se em seus caminhos, experimente seus desvios. Só então – se desejar; se conseguir – volte para retomar esta leitura.

¹ Para saber mais: Trabalho de Conclusão de Curso “O Antropoceno além do humano e do disciplinar: um estudo de caso da plataforma Feral Atlas” (Brugnera, S. 2023). Orientação: Dra. Karim Hahn Luchmann. Disponível em: <https://repositorio.udesc.br/entities/publication/6cb958a2-7032-4604-a29f-cdcc9df07112>

² No grupo, temos pensado as imagens como “força da produção imagética na construção de nossa imaginação geográfica sobre os lugares do mundo” (ATLAS UDESC, 2019). Para saber mais: <https://www.atlasudesc.com>



MERGULHO II: UM CAPÍTULO QUE SÓ PODE SER LIDO ASSIM³

MERGULHO III: PARA AQUELES QUE VOLTARAM

Para aqueles que aceitaram o convite e mergulharam no *Feral Atlas*, a experiência deve ter confirmado uma premissa fundamental: navegar por esta plataforma exige abandonar a lógica do GPS - aquela linearidade previsível que nos conduz sem surpresas de um ponto a outro. Aqui, invariavelmente precisamos utilizar mapas, percursos abertos e rizomáticos, seguindo uma cartografia Deleuze-Guattariana (1995). Isso porque, logo ao adentrar esse espaço digital, já somos inundados de imagens: portais para os mais de setenta relatórios de campo que integram quatro mapas maiores (Invasão, Império, Capital e Aceleração). Estes, por sua vez, desdobram-se em constelações de significados e redes de sentido, compondo uma cartografia crítica dos vetores de poder que moldam nosso tempo.

À medida que avançamos, abrem-se relatórios compostos por artigos, verbetes poéticos, áudios e vídeos - materiais que exemplificam o que van Dooren, Kirksey e Münster (2016, p. 39) denominam "artes de atenção: modos de tanto prestar atenção aos outros, como de elaborar uma resposta significativa". No *Atlas*, essa atenção é convocada multisensorialmente: não apenas pela leitura, mas pelo ver, ouvir e sentir. É diante dessa profusão de imagens - as vistas, ouvidas, sentidas - que se torna impossível abarcar sua totalidade, e por isso, impõe-se aqui, a necessária escolha de um percurso entre os muitos que o *Atlas* abre.

O que se segue agora, é uma pequena cartografia do indomesticado, traçada como fluxo de pensamento, onde reconheço a essência do feral: ele é indomesticado, justamente porque suas imagens não se deixam fixar em uma imagem dogmática do pensamento. Elas não operam como representação de um mundo, mas como participação e com isso, produzem em ato, novas imagens.

*Retorno disposta.
Disposta a ser escolhida por um fragmento de mundo que me leve ao seu emaranhamento.
Dióxido de carbono, insetos por toda parte. Terra árida, fogo, água, e então...
um sapo salta em mim.
De onde ele vem? O que tem a me contar?
Sigo seu impulso.*

³ Clique no título para mergulhar no Feral Atlas. Ou então, acesse: feralatlas.supdigital.org

A tela se abre em paisagem, depois se aproxima, aumenta o detalhe. Não estou mais diante de um mapa, mas dentro de um mundo. De quantas coisas esse mundo é feito? caracóis devorando caracóis; a inconstância das formigas; uma baleia branca se esconde em uma geleira.

Resolvo, como Alice, seguir o coelho. Ele me leva até gatos escondidos em celeiros, bois que se agenciam às gramíneas. São histórias de invasão. Invasões humanas bem-sucedidas caminham ao lado das invasões não humanas: do avanço de colonizadores sobre terras já habitadas à expansão do gado sobre florestas densas.

Sigo. Vejo frotas, homens acompanhados da pestilência que a conquista espalha. O Atlas não mente: os humanos não chegam sós. Chego ao mar e hesito. Ainda sinto, na pele, o toque úmido do anfíbio.

Volto. Qual é o seu refúgio? Canos e tubos. Escuto o rumor da “energia geotérmica que estrutura fluxos de energia e de materiais”. Justamente ali onde a cidade falha, o selvagem respira. Os sapos verdes prosperam no subúrbio.

*Atrás da minha casa tem uma vala. Uma cicatriz extensa na terra, resquícios de uma intervenção urbana mal planejada. Ela se arrasta pelo fundo de algumas casas: uma infraestrutura que as desestrutura. Linda, turva, verde pântano. Palco perfeito para algumas centenas de *Aedes aegypti* e um extraordinário coral de sapos.*

A essa altura, eu já tenho uma ideia de como chegaram aqui: subespécie monofilética, derivada de uma única linhagem genética – a linhagem da escravidão (Ebron, 2002).

Quanto aos sapos: equilíbrio em meio ao medo.

A promessa este ano é de aterrar a vala. Acabar com os mosquitos e calar os sapos.⁴

⁴ Uma pequena composição com o *Feral Atlas*. [Clique para ver/ouvir](#).

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 1995. Arquivo pessoal.

DOOREN, T; KIRKSEY, E; MÜNSTER, U. Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção. Tradução: Susana Dias. Climacom, 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/estudos-multiespecies-cultivando-artes-de-atencao>. Acesso em: 12 ago. 2025.

EBRON, Paulla A. *Slave Ships Were Incubators for Infectious Diseases*. In: TSING, Anna L.; DEGER, Jennifer; KELEMAN SAXENA, Alder; ZHOU, Feifei (org.). *Feral Atlas: The More-Than-Human Anthropocene*. Stanford: Stanford University Press, 2021. Disponível em: <https://feralatlas.supdigital.org/poster/slave-ships-were-incubators-for-infectious-diseases>. Acesso em: 16 ago. 2025.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A invenção de dispositivos pedagógicos sobre o ambiente. *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 5, n. 1, p. 11-26, 2010. Acesso em: 19 ago. 2025.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Tradução: Susana Dias. *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte I Ano 3 - N. 5 / Abril de 2016*. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes>. Acesso em: 18 ago. 2025.

STANFORD UNIVERSITY. *Feral Atlas: The More-Than-Human Anthropocene*. 2021. Disponível em: <https://feralatlas.org/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

SKELLY, David; ARIETTA, A. Z. Andis; LAMBERT, Max. Green Frogs Thrive in the Suburbs. In: TSING, Anna L.; DEGER, Jennifer; KELEMAN SAXENA, Alder; ZHOU, Feifei (org.). *Feral Atlas: The More-Than-Human Anthropocene*. Stanford: Stanford University Press, 2021. Disponível em: <https://feralatlas.supdigital.org/poster/green-frogs-thrive-in-the-suburbs>. Acesso em: 25 ago. 2025.

STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima. Coleção Exit. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015. Disponível em: https://www.professores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2020/05/Stengers_No_tempo_das_catastrofes_.pdf. Acesso em: 23 ago. 2025.